

PÓS-VERDADE E DESINFORMAÇÃO

A prática e suas origens

A era das *fake news*

A mentira instituiu-se nas redes sociais e espalha-se pelas comunidades, nações e pelo globo com rapidez e capilaridade. A web, à qual mais da metade das pessoas do globo está ligada, é o veículo para tal propagação, e a velocidade da luz torna fácil vencer as distâncias. A verdade também é transmitida pela web e viaja com a mesma velocidade, mas não tem a mesma reverberação. Enquanto a verdade chega a um milhão de pessoas, a mentira chega a dezenas de milhões, se não mais. Para agravar o quadro, a mentira ganha mais credibilidade do que a verdade. Mentir passou a ser a estratégia política dos líderes populistas e dos governos autoritários. Esse é o tempo em que vivemos. O público refere-se a ele como era das *fake news*, os analistas preferem o termo pós-verdade. O termo, segundo D'Ancona [1], apareceu pela primeira vez em 1992, em um artigo do sérvio-norte-americano Steve Tesich na revista *The Nation*. Eis como:

Todos os ditadores até agora tiveram que trabalhar duro para suprimir a verdade. Por meio de nossas ações, estamos dizendo que isso não é mais necessário, que adquirimos um mecanismo espiritual capaz de despojar a verdade de qualquer significado. De uma maneira bastante radical, como povo livre, decidimos livremente que queremos viver em um mundo da pós-verdade.

A mentira sempre foi praticada pelos políticos. O que vemos de novo é a banalização da mentira e a desconstrução em massa dos fatos pelo uso da web e do algoritmo. De tudo isso, o que é genuinamente novo é a *high-tech*, o uso do algoritmo, pois o resto veio antes e tem raízes ainda mais antigas, como veremos. Sociologicamente, há também algo novo na era da pós-verdade: a maneira quase indiferente com que o grande público lida com a mentira. Nesse meio, não se averigua o que o que é verdade e o que é mentira. É fato que muitas vezes não é fácil averiguar, mas essa dificuldade não é a principal razão do desinteresse das massas em distinguir o verdadeiro do falso. O que há de concreto é que as pessoas são psicologicamente propensas a acreditar em afirmações e narrativas que satisfazem seus anseios, frustrações, mágoas e medos. As mentiras dos políticos, ideólogos e publicitários são simplificações da realidade direcionadas a essas emoções. Exatamente por isso, elas são aceitas prontamente, enquanto a verdade, que apresenta os fatos na sua complexidade, não ativa emoções, apenas cansa a mente no esforço para sua compreensão.

A ampla percepção da era da pós-verdade ocorreu em 2016, ano em que o *Brexit* venceu o referendo popular no Reino Unido e Ronald Trump elegeu-se presidente dos EUA. As duas vitórias contradisseram as previsões dos institutos de pesquisa eleitoral, e não há acordo sobre a razão do desacerto das previsões. Nesse mesmo ano, o *Oxford Dictionaires* escolheu pós-verdade como a palavra do ano.

As campanhas do *Vote Leave* (pró-saída do Reino Unido) e de Trump usaram um cardápio de mentiras precisamente direcionadas a sentimentos disseminados nas populações do RU e EUA, respectivamente. No RU, as pessoas ressentiam-se da competição de trabalhadores europeus que entravam livremente no mercado de trabalho britânico e ‘roubavam’ seus empregos. O Sistema Nacional de Saúde (NHS) britânico, o melhor do mundo, não estava sendo capaz de cobrir satisfatoriamente todas as intervenções médicas, que se tornam cada vez mais dispendiosas por causa dos avanços técnicos da medicina e da farmacologia – fato que ocorre em todo o mundo. A campanha *Vote Leave* anunciava que o desemprego iria cair e que o NHS poderia receber, a cada semana, recursos adicionais de até £350 milhões porque o RU deixaria de dar sua contribuição à UE – na verdade, a contribuição era de £250 milhões, e esse dinheiro foi destinado a outros fins, depois do *Brexit* [1]. Os favoráveis à permanência do RU na UE expunham, fleumáticamente, as grandes perdas econômicas que resultariam da saída, mas esses números eram muito frios e difíceis de entender. Na última hora, muitos britânicos votaram ‘com o fígado’ e o *Brexit* venceu o referendo com vantagem de 3,8%.

Nos EUA, há décadas a concentração de renda aumenta – o que na verdade vem ocorrendo em quase todo o mundo. Ocorre que a inovação tecnológica tornou-se o poderoso motor da prosperidade dos países líderes. Todos ganham com isso, mas os inovadores e as pessoas mais capacitadas em usar a inovação para aumento de sua renda abocanham a maior parte dos ganhos econômicos. Nos países que adotam boas políticas de bem-estar social, os perdedores nesse duro jogo também conseguem aumentar a sua renda. Mas nos EUA, históricos praticantes do *laissez-faire*, a renda da classe média está quase estagnada, e há aumento da pobreza. O ressentimento da parte mais pobre da população vem aumentando, como não poderia deixar de ser. Trump pouco se importa com os perdedores, seu princípio moral, como o de Quincas Borba, é: “ao vencedor as batatas”. Mas ele explorou o ressentimento popular, e as frustrações. Os culpados eram os chineses e os ambientalistas que embarcaram na mentira da mudança climática e com suas ações estavam paralisando os EUA. Ele sanaria tudo isso e tornaria a “*America great again*”, o que salvaria todos. Ao norte-americano branco, que atribui seu empobrecimento às ondas de imigrantes que tomam seus empregos, ele prometeu rigoroso controle da imigração.

Trump explorou também a admiração do povo norte-americano pelos vencedores, e para isso bastou que ele vendesse a falsa imagem de vencedor, o que, na verdade, fez durante toda a sua vida. Herdeiro de uma fortuna do pai, Trump tem patrimônio menor do que teria se tivesse deixado a herança aplicada na bolsa, apesar de ser um sonegador de impostos e ter declarado falência seis vezes para reduzir o encargo de suas dívidas. Usando *ghostwriters*. Trump escreveu 19 livros sobre negócios, finanças e política que lhe ajudaram a ganhar fama de grande negociador e empreendedor e político.

Trump é um mentiroso dedicado. Segundo o site *PolitiFact*, que já ganhou o *Pulitzer*, 69% das suas declarações são “predominantemente falsas”, “falsas” ou mentirosas. Segundo levantamentos da imprensa, Bolsonaro, seu admirador e seguidor, mentiu mais de 6 mil vezes durante seu mandato como Presidente.

O negacionismo: seu produto é a dúvida

Nos anos 1950, e após esse tempo, vários fatos começaram a emergir, que contrariavam os interesses de grandes indústrias e até mesmo de governos. A Grande Guerra os havia obscurecido, mas a paz os trouxe à luz. Na Guerra, a indústria do tabaco prosperou alegremente produzindo cigarros para tranquilizar soldados norte-americanos e seus parentes deixados em casa. O DDT revelou-se poderoso no controle da malária em locais em que os soldados lutavam; terminada a guerra, concluiu-se que seria boa ideia usá-lo intensa-

mente para controlar os insetos que infestavam as plantações. O clorofluorcarboneto (CFC) começou a ser usado nas geladeiras, condicionadores de ar e sprays, em substituição a gases tóxicos e malcheirosos usados anteriormente. O pós-guerra acendeu o sonho americano, inflado pela vitória e a elevação dos EUA à condição de líder incontestável do mundo livre.

Mas fatos inconvenientes começaram a ficar evidentes. O uso do tabaco causava câncer, o uso descontrolado do DDT e de outros pesticidas causava grandes danos aos animais e aos humanos, o CFC destruía a camada de ozônio, expondo as pessoas à luz ultravioleta do Sol. Descobriu-se que a temperatura do globo estava elevando-se, e ficava cada vez mais evidente que esse aquecimento era causado por dióxido de carbono jogado na atmosfera pela queima de combustíveis fósseis.

Era preciso negar esses fatos. Não era necessário demonstrar que eles eram falsos, o que na verdade era impossível, mas era fácil gerar dúvidas sobre eles. Al Gore, ex-vice-presidente dos EUA, explicou como fazer isso no seu best-seller *Uma verdade inconveniente* [2]. No livro Al Gore trata especificamente do aquecimento global, mas suas ideias aplicam-se a qualquer verdade que contrarie os interesses de grupos econômicos poderosos. Orestes e Conway escreveram um bem documentado livro, *Mercadores da dúvida* – para o qual Al Gore escreveu o prefácio – expondo a metodologia de gerar dúvidas sobre verdades inconvenientes, e deram a ela o nome de estratégia do tabaco [3]. A indústria do tabaco desenvolveu essa estratégia nos anos 1950, e ela tem sido usada com êxito inco- mum desde então.

Quatro físicos foram protagonistas na negação de verdades inconvenientes: Frederick Seitz (1911-2008), S. Frederick Singer (1924-2020), William Aaron Nierenberg (1919-2000) e Robert Jastrow (1925-2008) [3]. Seitz e Singer tinham trabalhado na construção da bomba atômica e continuavam atuando intensamente na Guerra Fria. Singer foi muito importante no desenvolvimento de satélites espaciais para fins militares. Seitz foi o mais prestigiado e influente de todos os cientistas negacionistas. Foi presidente da Academia de Ciências dos EUA (NAS) de 1962 a 1969 e da *Rockefeller University* de 1968 a 1978. Em 1978, aposentou-se e tornou-se consultor da *R.J. Tobacco Company*, função que exerceu até 1988. Em 1984, fundou o *George C. Marshall Institute*, que presidiu até 2001. O Instituto foi criado para apoiar o programa Guerra nas Estrelas de Ronald Reagan, mas em 1990 tornou-se o principal *think tank* do negacionismo climático. Como consultor da *Tobacco*, Seitz distribuiu US\$45 milhões para o financiamento de pesquisas que desacreditassem a ligação entre o tabagismo e o câncer.

Todos esses físicos foram consultores influentes de órgãos do governo federal dos EUA, e suas recomendações eram levadas muito a sério. Dadas as suas credenciais científicas, suas ideias eram também difundidas pela grande imprensa como alternativa válida à visão científica *mainstream*.

O que é afinal, a estratégia tabaco? Seu produto é a dúvida sobre a existência de um consenso. Enquanto a conexão entre o tabagismo e o câncer não fosse um consenso solidamente estabelecido, as indústrias de tabaco estariam livres de ações indenizatórias na Justiça e de regulações do governo. O consenso pode ser muito forte na comunidade dos experts no assunto, mas ainda é possível evitar a percepção desse consenso pela sociedade e pelos legisladores. Para isso, nada melhor do que a contestação de cientistas de prestígio. A realidade posterior demonstrou que mesmo a negação dos fatos por pessoas desqualificadas como, por exemplo, Olavo de Carvalho, é efetiva, principalmente na atual era da *web*, dos blogueiros e dos influenciadores digitais, cujo sucesso é medido pelo número de *likes*, comentários positivos e compartilhamentos.

A opinião, sincera ou desonesta, de personalidades de alto prestígio sobre qualquer assunto tem enorme efeito sobre a visão do público. Donald Trump afirmou, pela primeira vez em 2012, e desde então muitas vezes, que a mudança climática é uma mentira inventada pelos chineses para prejudicar a economia norte-americana. Por mais esdrúxula que

tal afirmação possa parecer, grande parte dos norte-americanos e a maioria dos eleitores do Partido Republicano acreditam nela.

Nem sempre os negacionistas afirmam que a verdade inconveniente é uma falsidade. É igualmente efetivo, e menos arriscado, dizer que os fatos que lhe dão suporte não são suficientemente sólidos, ou que podem ser interpretados de maneiras diferentes. Esse tipo de ceticismo é muito comum, e alguns céticos podem ser sinceros. Até cerca de 1960 ainda havia céticos sinceros sobre a questão do câncer causado pelo fumo, e até talvez o ano 2000 houvesse céticos sinceros sobre a mudança climática. Depois dessas datas, todo ceticismo sobre as respectivas questões é desonesto ou inteiramente desqualificado. Essas considerações atenuantes não se aplicam aos quatro físicos antes mencionados; todos eles eram mentirosos contumazes, e Seitz era mercenário.

Movimento antivacina: o poder da exploração do medo

A pandemia da covid expôs o medo que grande parte da população tem de vacinas. Mesmo após vacinas contra covid estarem ampla e gratuitamente disponíveis, fração muito alta da população resistia a vacinar-se, o que resultou em milhões de mortes evitáveis. Cientificamente, as vacinas são vistas como a medida profilática mais segura e eficaz de combate a muitas doenças transmissíveis, e essa visão é fortemente amparada em fatos. A cada ano, cerca de um milhão de mortes por sarampo são evitadas por vacinação, e em muitos locais do mundo o sarampo foi erradicado. A antes temida poliomielite, que matava muitas crianças e deixava graves sequelas nas sobreviventes, está praticamente erradicada – em muitos países, não há um único caso registrado neste século. Muitos outros exemplos do efeito positivo das vacinas poderiam ser citados.

As vacinas são também um dos medicamentos mais seguros. Fração das pessoas vacinadas pode ter reações leves e passageiras, e os casos de reações graves são muito raros. Como, então, explicar o disseminado medo de vacinas? Ele é bem recente. Em 1998, Andrew Wakefield, médico do *Royal Free Hospital* de Londres, e 12 coautores publicaram na prestigiada revista *Lancet* um artigo alegando evidências de que a vacina tríplice MMR (sarampo, caxumba e rubéola) pode gerar autismo e enterocolite, um tipo de infecção intestinal. A imprensa deu grande publicidade ao artigo, o que gerou rápida redução da vacinação na Inglaterra, com consequências dramáticas. O sarampo, que havia sido erradicada da Inglaterra e muitos outros países, voltou a ser endêmico em vários deles.

No meio médico, as alegações de Wakefield foram questionadas desde que ele falou sobre elas em uma entrevista anterior à publicação do artigo. No mesmo ano de 1998, a revista *Lancet* publicou um artigo que as contestava. Outros estudos, mais amplos e com maior controle metódico, não encontraram qualquer correlação entre a vacina MMR e autismo, ou enterocolite. Mas Wakefield insistia na afirmação de que muito mais pesquisa era necessária para confirmar ou não sua hipótese, e enquanto isso a vacinação deveria ser proibida.

Brian Deer, repórter do *Sunday Times*, investigou a questão de 1998 a 2010. Já em 2004, Deer encontrou comprovações de conflito de interesses na pesquisa de Wakefield, e de que ele mentira sobre o assunto. A pesquisa que levou à sua espalhafatosa ‘hipótese’ fora feita em uma amostra de apenas 12 crianças autistas. Wakefield afirmava ter sido procurado pelas mães das 12 crianças, que se lembravam de que os sintomas de autismo dos seus filhos apareceram depois de eles serem vacinados, e pediam sua opinião. Mentira! As famílias chegaram a ele por meio do advogado Richard Barr, que também conseguiu o dinheiro que financiou a pesquisa para buscar algum elo entre autismo e a vacina tríplice. Barr esperava ganhar muito dinheiro em processos indenizatórios de pais de crianças autistas contra os fabricantes da vacina, e Wakefield esperava faturar uma fortuna com uma va-

cina só para sarampo, que desenvolvera. Deer exibiu o pedido de patente da vacina, protocolado por Wakefield.

Em 2010, o Conselho Geral de Medicina do Reino Unido, após três anos de investigação, classificou o comportamento de Andrew Wakefield como desonesto, irresponsável e enganoso, e revogou sua licença para a prática da medicina. Logo após isso, a revista *Lancet* retratou-se da publicação. Os coautores do artigo já haviam abandonado seu líder falsificador.

Wakefield mudou-se para os EUA. Mas lá não viveu na clandestinidade, como Mengele em Bertioga. Ao contrário, instalou-se ostensivamente em Austin (Texas) e lá continuou sua vida como ativista antivacina. Em 2016, escreveu e dirigiu o filme antivacina *Vaxxed: From Cover-Up to Catastrophe* (Vacinado: Do Encobrimento à Catástrofe, em tradução livre).

A criminoso história de Wakefield é contada parcialmente em várias fontes, e em mais detalhe em um livro de Brian Deer publicado em 2020 [4]. No epílogo do livro, ele descreve o caráter, o comportamento e o sucesso do 'doutor sem pacientes'. Ele é um mentiroso incurável. Permanece afirmando que as vacinas não são seguras nem eficazes, e que as quedas de mortes por doenças viróticas não se devem às vacinações, mas à evolução dos vírus, que os tornaram mais brandos. As vacinas contra sarampo aumentam a permeabilidade do intestino, o que libera toxinas que atacam o cérebro. Ele dá muitas palestras por vídeos, e organiza muitos eventos antivacina, nos quais é quase tão aclamado quanto as estrelas do rock. Proclama ser uma vítima da indústria farmacêutica, que ele ousou desafiar.

Em um evento antivacina em Orlando, em novembro de 2017, ele conheceu Elle Macpherson, também conhecida como 'o Corpo', ex-supermodelo cinquentona australiana que no divórcio de seu marido bilionário ganhou uma mansão de US\$26 milhões em Miami e US\$53 milhões em dinheiro. Macpherson é patrona de boas causas. Foram vistos juntos em dois outros eventos antivacina, e em maio de 2019 Wakefield mudou-se do Texas para a mansão de Macpherson.

Antecedentes da era da desinformação

A literatura sobre a desinformação é enorme, O termo *fake news* é usado diariamente muitíssimas vezes na grande mídia e nas redes sociais. O parentesco entre *fake news* e propaganda, a persuasão e manipulação do público com fins políticos e ideológicos, é evidente. A persuasão de consumir algum produto comercial, parente das *fake news*, era inicialmente chamada propaganda, mas adotou-se, para esse tipo de persuasão, a palavra publicidade quando propaganda começou a ter conotação negativa. No Brasil, a palavra propaganda ainda é usada como sinônimo de publicidade, o que é correto, pois na maioria dos casos a publicidade é uma manipulação por apelo a emoções e esperanças vãs.

A palavra propaganda foi cunhada em 1633 pelo Papa Urbano VIII para dar nome ao Escritório da Propagação da Fé (*Congregatio de Propaganda Fide*), cuja função era coordenar a ação dos missionários em terras não europeias. Foi copiada, literalmente, em outras línguas.

Edward Bernays (1891-1995), um sobrinho duplo de Sigmund Freud que se mudou com um ano de idade para os EUA, foi o primeiro teórico da propaganda e das relações públicas. Referido frequentemente como 'o pai das relações públicas', foi apontado pela revista *Life* como um dos norte-americanos mais influentes do século 20. No seu livro *Propaganda* [5], publicado em 1928, ele expõe o caráter irracional do comportamento humano e de que forma ele pode ser manipulado. O livro começa com o parágrafo

A manipulação consciente e inteligente dos hábitos organizados e das opiniões das massas é um elemento importante em uma sociedade democrática: aqueles que manipulam esse imperceptível mecanismo da sociedade constituem um governo invisível que é o verdadeiro poder reinante de nosso país. (Tradução livre).

Daí prossegue a exposição. Somos movidos por emoções, cuja origem subconsciente não somos capazes de perceber, que podem ser ativadas por imagens, insinuações, sugestões e associações a elementos diversos. Para Bernays, esses manipuladores das mentes, dos gostos e do comportamento das massas são indispensáveis para que a sociedade funcione de maneira suave. Valoriza os manipuladores sociais como sendo “organizadores do caos”. Parecia crer sinceramente na importância dessas manipulações e, como expert no assunto, criou símbolos realmente poderosos. Mulher fumar em público era feio até que ele vendeu a imagem de mulher fumando como símbolo da emancipação feminista. Na mão de uma mulher, o cigarro *Lucky Strike* representava a “tocha da liberdade”. A políticos, Bernays ensinou a vender a imagem de candidato invencível. Foi também o primeiro a usar o medo em propaganda. Parva vender copos descartáveis, ele advertiu que eles eram os únicos seguros.

Joseph Goebbels, que em 1933 se tornaria o Ministro da Propaganda da Alemanha nazista, já em 1926 se despertou para o uso da propaganda na promoção do nazismo e do antissemitismo. Conheceu a obra de Bernays, estudou-a e a usou, apesar de Bernays ser judeu. Obviamente, Bernays não se alegrou com isso, mas encarou o fato com realismo. Em sua autobiografia, publicada em 1965, comentou:

“Eles estavam a usar os meus livros como base para uma campanha destrutiva contra os judeus da Alemanha. Isso me chocou, mas eu sabia que qualquer atividade humana podia ser usada para fins sociais ou mal utilizada para atividades antissociais.”

Mas a era da desinformação não surgiu só da propaganda. O filósofo Stephen Hicks [6] e outros pensadores veem no pós-modernismo a principal raiz dessa era. O pós-modernismo foi a reação mais radical ao Iluminismo, o maior símbolo do modernismo, que se desenvolveu no século 16, no rastro da Revolução Científica. O principal fundamento do Iluminismo é a crença de que com o uso da razão é possível não só desvendar as leis da natureza, mas também organizar a sociedade de forma próspera e justa. Na política, as grandes realizações do Iluminismo foram a constituição de estados laicos, a formação de democracias representativas e liberais, e direitos humanos assegurados por leis. Na investigação da natureza, grandes avanços em todos os campos por meio do método científico. Na técnica e economia, a Revolução Industrial, que levou a uma era de desenvolvimento nunca antes visto nos países que a adotaram. Mas esperava-se mais da filosofia, que insistiu nas perguntas de sempre, para as quais ainda não obteve resposta. Isso não ficaria barato.

Nos anos 1950, surgiu, com epicentro na França, o pós-modernismo, um movimento cultural anti-iluminista que se propagou pelo ocidente. Os pioneiros mais citados do pós-modernismo são Michel Foucault (1926-1984), Jacques Derrida (1930-2004), Jean-François Lyotard (1924-1998) e Richard Rorty (1931-2007). O pós-modernismo foi um movimento tão amplo e complexo que, segundo seus analistas, não pode ser descrito brevemente.

O pós-modernismo é profundamente anti-ciência. Nega a existência de uma realidade objetiva. É coberto transversalmente pela noção do relativismo cognitivo, um princípio formalmente descrito e defendido por Thomas Kuhn (1922-1996) e também analisado por Paul Feyerabend (1924-1994), dois filósofos da ciência. O relativismo cognitivo defende que não há um referencial objetivo segundo o qual se possa avaliar e julgar uma afirmação científica. Feyerabend argui contra o método científico, e não vê razão para que acreditemos em astronomia, mas não em astrologia, ou consideremos a meteorologia mais fundamentada do que a dança da chuva. Por terem sólido conhecimento de ciência (Kuhn obteve doutorado em física em Harvard), esses dois filósofos foram usados pelos pós-modernistas como selo de certificação de parte de suas ideias.

Quem advoga o relativismo cognitivo coloca-se em uma posição precária, pois a falta de objetividade aplica-se também aos seus argumentos. A mesma desconstrução que eles fazem da filosofia e da ciência atinge também suas teses. A saída que encontraram foi dizer que tudo, no fundo, é político. Razão é poder, e a ciência é o instrumento pelo qual ele afirma a sua autoridade. E os pós-modernistas empregaram uma arma há muito conhecida. A ironia, e mais que ela o sarcasmo, é uma maneira eficaz de dissolver as hierarquias e a autoridade. É simples, basta mostrar, ou declarar, que ‘o rei está nu’. Os pós-modernistas são irônicos em relação a todas as pretensões intelectuais. Para serem coerentes, em rela-

ção também às suas. O conflito entre os 'realistas' e os pós-modernistas levou às chamadas guerras das ciências [7], que tiveram início em meados dos anos 1990.

O caso Sokal

No início das guerras das ciências, um duro golpe no pós-modernismo foi dado em 1996 pelo físico e matemático Alan Sokal. Este usou exatamente a arma principal dos pós-modernistas, a ironia. Enviou para a prestigiada revista pós-modernista *Social Text* um artigo-paródia com o pretencioso título *Transgressing the boundaries: Towards a transformative hermeneutics of quantum gravity* (Transgredindo as Fronteiras: Rumo a uma hermenêutica transformativa da gravidade quântica) [8]. No artigo, recheado de sentenças meticulosamente obscuras e sem conteúdo, jargões da moda, citações de retóricas incompreensíveis de expoentes pós-modernistas e adulações ao ego dos autores, Sokal arguiu que a gravitação quântica é uma construção social e linguística, mas que tem implicações sociais progressistas. Expressões sem sentido, como 'matemática emancipatória', mas de tom libertário, ajudam a compor o texto. No dia em que o artigo foi publicado, Sokal confessou que ele era um teste para ver o rigor da revista na avaliação dos artigos que publicava.

No ano seguinte, junto com o físico e filósofo Jean Bricmont, Sokal publicou o livro *Impostures Intellectuelles*. Sua versão em Inglês apareceu em 1999, com pequenas modificações, sob o título *Fashionable Nonsense* [9]. O livro expõe o uso pretencioso da física e da matemática por expoentes do pós-modernismo francês para dar um verniz de sofisticação às suas ideias. Foram particularmente impiedosos com Jacques Lacan. Este usa símbolos e equações matemáticas na formulação de suas ideias, e é facilmente perceptível que ele não tem noção técnica do significado e das regras de uma equação matemática, tanto assim que no meio delas coloca entidades que não são números. Algumas das suas afirmações verbais são verdadeiramente bizarras, por exemplo: "A mente tem a topologia de um toro." É possível que a 'matemática emancipatória', do artigo seja uma referência oblíqua a Lacan e sua extravagante matemática.

Não só Lacan, mas vários outros pós-modernistas franceses, incorrem em mistificações matemáticas e em usos ingênuos da ciência. Na consumação dos fatos, por trás da linguagem pernóstica e da falsa cultura científica, o rei está nu.

A resposta dos criticados foi uma avalanche de desqualificações e sarcasmos. Sokal e Bricmont não teriam entendido o significado das passagens que criticavam; Sokal fora desonesto ao escrever o artigo-paródia, um embuste indigno. Vida que segue, e os pós-modernistas continuaram alegremente seu trabalho. Na comunidade intelectual dedicada às humanidades, eles venceram de goleada.

Debaixo de um verniz de fina ironia, a raiva e a falta de modos foram, desde o início, uma marca dos pós-modernistas. Insultos, refutações *ad hominem*, intolância a contestações, enfim, vários elementos fundamentais da pós-verdade.

Hicks [6] faz uma análise interessante do pós-modernismo, que remonta a George Berkeley, David Hume, Immanuel Kant e Auguste Comte. Aponta uma contradição no movimento. Seus pioneiros eram todos marxistas e todos os seus adeptos eram e são esquerdistas. Mas Marx era um iluminista e cultor da ciência, tanto assim que seus seguidores até então se referiam ao marxismo como 'socialismo científico'. Como explicar essa guinada? E, principalmente, como explicar a raiva dos pós-modernistas, à qual eles dão o nome de sarcasmo? Hicks formula duas hipóteses. A segunda diz literalmente:

O pós-modernismo é a estratégia epistemológica da extrema esquerda acadêmica para responder à crise causada pelas falhas do socialismo na teoria e na prática.

Essa hipótese tem o mérito de explicar tanto a epistemologia quanto a raiva dos pós-modernistas. Seus herdeiros políticos não têm qualquer epistemologia, mas são ainda mais raivosos.

É importante esclarecer um ponto sensível. Sokal não é uma pessoa da direita. Ao contrário, ele é um sincero e convicto defensor – e praticante – da esquerda. Politicamente, distingue-se daqueles que critica apenas em um detalhe: ele defende a esquerda democrática, a social democracia, que nada tem a ver com o marxismo.

Engenheiros do caos

Giuliano Da Empoli discorda diametralmente de Edward Bernays acerca da manipulação da opinião pública por meio da propaganda. Seu livro *Os Engenheiros do caos* [10], é uma análise do populismo que hoje grassa pelo mundo empregando a pós-verdade, com arte e técnica. Se para Bernays os manipuladores são ‘organizadores do caos’, para Da Empoli eles os são engenheiros, cuja obra é o caos. Como ele vê – e expõe bem –, a pós-verdade é um amplo movimento populista. Se pós-verdade era um instrumento, hoje ela é a estratégia e a política, é tudo. Seu instrumento técnico é o algoritmo, que examina o humor das massas pelas suas manifestações na internet, e desses dados aparentemente caóticos extrai padrões e tendências e até mesmo leis de comportamento social. Os engenheiros do caos contam com a ajuda dos “pequenos gênios do Vale do Silício” – assim os chama Da Empoli – que constroem todo o aparato de que precisam: as plataformas de redes sociais, onde os dados das massas são ofertados de graça, e os poderosos computadores capazes de analisa-los. O caos é o ambiente ideal para que os populistas reinem, pois seus estrategistas se especializaram em entendê-lo.

O movimento populista não tem ideologia, é movido por sede de poder. Steve Bannon, o articulador das campanhas políticas de Trump, expõe claramente seu projeto: “O que eu quero é criar uma infraestrutura global para o movimento populista mundial”. O grande mal a ser combatido por Bannon são as elites globais, representadas pelo ‘partido de Davos’.

Bannon é um dos articuladores do movimento populista e arquitetos do caos, não importa onde ele esteja ocorrendo. Foi um dos organizadores do movimento de invasão do Capitólio em 6 de janeiro de 2021. Em 30 de novembro de 2022, logo após o TSE anunciar a vitória de Lula, ele declarou que ela seria impossível sem que houvesse roubo, e que Bolsonaro não deveria entregar o poder. Há vários outros articuladores que merecem menção especial.

Um dos pioneiros foi o nova-iorquino Arthur Finkelstein (1945-2017), que por mais de quatro décadas foi conselheiro de políticos de direita. Primeiro, dos candidatos republicanos à presidência dos EUA, desde Nixon, e depois de outros na Europa e Ásia. Foi o principal conselheiro de Viktor Orban, porta-estandarte da direita europeia, e conselheiro importante de Benjamin Netanyahu. Como iniciou a vida como programador de computadores, tinha algum conhecimento dos algoritmos que dão suporte às campanhas.

Beppe Grillo, comediante genovês nascido em 1948, transformou-se em um dos mais poderosos políticos italianos. Foi descoberto por Gianroberto Casaleggio (1954-2016), um especialista em internet e publicidade que em 2004 fundou a *Casaleggio Asssociati*, uma empresa de *marketing*. Gianroberto queria criar um partido virtual, mas precisava de uma versão de osso e carne para dar voz e expressão ao seu pensamento. Grillo, o humorista que entretia auditórios lotados vociferando seu humor de insultos e sarcasmos, foi o seu escolhido. Em 2005, criaram o blog de Grillo, *beppegrillo.it*, do qual Casaleggio era o editor. Toda manhã a *Asssociati* selecionava os comentários ‘certos’ sobre o post anterior, com base nos quais Gianroberto escrevia o novo post, publicado às 12h. Para o público, Grillo era o autor dos posts. Gianroberto foi editor também do blog de Antonio de Pietro, o juiz líder da Operação Mãos Limpas, que depois se tornou político.

Bastaram poucas semanas para que o blog de Grillo se tornasse um dos mais visitados da Itália, e depois ele se tornou um dos mais populares do mundo. Em 2009, Gianroberto e Grillo fundaram o Movimento 5 Estrelas (M5E), um ‘não partido’ cujo objetivo era destruir a política tradicional italiana. Pregava a democracia direta via internet e propunha que se legislasse por meio de referendos *online*. Nas eleições de 2013, o M5E elegeu 26% dos membros da Câmara e 24% dos membros do Senado, e tornou-se o maior partido da Itália. Grillo era seu líder visível.

Gianroberto não se interessava pela política, o que lhe interessava era a opinião pública [10], o que talvez explique parte das contradições do M5E. As cinco estrelas representam as prioridades do partido: água pública, ambientalismo, transportes sustentáveis, direito à internet e desenvolvimento sustentável; sem dúvida, uma agenda progressista. Mas o ‘não partido’ mirava a destruição da ordem estabelecida por políticos corruptos e elites econômicas, e para isso explorava as frustrações das massas e seu ressentimento contra essa ordem. Gianroberto e Grillo mantinham um controle central rígido do ‘não partido’. Escolhiam os candidatos a membros do parlamento, com base em sondagem popular *online*, e exigia deles inteira fidelidade. Exigiam até mesmo que os parlamentares por eles apoiados lhes fornecessem as senhas do Facebook, Instagram e WhatsApp [10]. Em 2016, Gianroberto morreu e foi substituído por seu filho Davide Casaleggio. Davide saiu do M5E em janeiro de 2021, após divergências com Grillo que levaram a um processo judicial. Os dados de todos os membros do partido foram entregues a Grillo e o ex-premiê italiano Giuseppe Conte. Os preciosos dados, esse era o tesouro.

No Reino Unido, em 1993, criou-se o UKIP (*United Kingdom Independence Party*, Partido da Independência do Reino Unido), um partido de direita nacionalista que se opunha à União Europeia. Em novembro de 2018, foi criado o *Brexit Party* (atual *Reform UK*). Segundo Arron Banks, um dos seus criadores, o partido era uma cópia do M5E – parece que ele se referia aos métodos do partido. Como o M5E, o *Brexit Party* apoiou-se fortemente em algoritmos, especialmente na *Cambridge Analytica* (CA), empresa mineradora e analista de dados que, desde sua fundação, em 2013, dedicava-se a influir em eleições nos EUA, e que em 2016 contribuiu para a eleição de Trump e para a vitória do *Vote Leave* no Reino Unido. A CA abriu falência em 2018, quando sua atividade e seus métodos foram denunciados.

Há controvérsia sobre a atuação da CA. Um dos seus executivos declarou que a empresa tinha trabalhado em 200 campanhas eleitorais. Ela conseguiu acesso ao perfil de muitos milhões de participantes do Facebook (uma fonte menciona o número 87 milhões de pessoas). Classificava essas pessoas por critérios psicológicos e políticos, de forma que os agentes da campanha eleitoral pudessem enviar a cada grupo as notas publicitárias adequadas.

Big data e seu uso político

Big data (grandes dados, ou macrodados) sempre foram usados pelos movimentos, partidos e políticos da era pós-verdade, e ultimamente isso tem sido visto com naturalidade, o que agrava o perigo. Sempre que você transita no meio digital, deixa rastros. Esses rastros podem revelar os traços da sua personalidade, se analisados por algoritmos de inteligência artificial (IA). E o algoritmo pode vir a te conhecer melhor do que você mesmo, pois os rastros expõem também o seu inconsciente. A internet gera montanhas de dados, cujo volume tem crescido exponencialmente – estima-se que ele tem duplicado a cada 18 meses. O termo *big data*, criado em 1997, é usado tanto para se referir tanto aos macrodados quanto à ciência usada na sua coleta e análise – a ciência dos dados. Big data e IA avançam muito rapidamente e são grandes transformadores do mundo contemporâneo. Têm o potencial de criar enorme prosperidade e avanços nunca sonhados na ciência.

Mas *Big data* e IA também trazem sérios riscos, com os quais as sociedades ainda não aprenderam a lidar. Os macrodados são muito diversos, mas os de interesse político são os *social data* (dados sociais), entregues de graça pelas pessoas que navegam no ambiente digital. Estes são os mais perigosos. Algoritmos de inteligência artificial são capazes de coletar, analisar e classificar volumes de dados cada vez maiores. E também de fazer uso político deles. Esses algoritmos, e ainda todo o aparato que gera os dados, que inclui câmaras de reconhecimento de faces, são o *Big Brother* anunciado por George Orwell em 1949.

Na era da pós-verdade, a manipulação política é feita usando *big data* e os algoritmos. Onde ainda existe democracia, ela é ameaçada; onde ela já não existe, o *Big Brother* tem os instrumentos para criar uma ditadura talvez invencível.

Referências

- [1] Matthew D'Ancona. *Pós-verdade: A nova guerra contra os fatos em tempos de fake News*. Faro Editorial (2018). Traduzido do original *Post-truth: The new war on truth and how to fight back* (2011) por Carlos Szlak.
- [2] Al Gore. *Uma Verdade Inconveniente - O que devemos saber (e fazer) sobre o aquecimento global*. Editora Manole (2006). Traduzido do original *An Inconvenient Truth: The planetary emergency of global warming and what we can do about that* (2006) por Isa Mara Lando.
- [3] Naomi Orestes e Erik M. Conway. *Mechants of Doubt: How a handful of scientists obscured the truth on issues from tobacco smoke to climate change*. Bloomsberry Publishing (2019). Primeira publicação em 2010.
- [4] Brian Deer. *The Doctor Who Fooled the World: Science, Deception and the war on Vaccines*. Johns Hopkins University Press (2020).
- [5] Edward Bernays *Propaganda*. Ig Publishing (1928).
- [6] [9] Stephen R. C. Hicks. *Guerra cultural: Como o pós-modernismo criou uma narrativa de desconstrução do ocidente*. Avis Rara-Faro Editorial (2021). Traduzido do original *Explaining postmodernism* (2011) por Mathews Paccini.
- [7] https://en.wikipedia.org/wiki/Science_wars. Visitado em 26/11/2022.
- [8] Alan Sokal. *Social Text*, **46/47**, pp. 217-252 (1996).
- [9] Alan Sokal e Jean Bricmont. *Imposturas intelectuais*, Tradução de Max Altman do original em Inglês Fashionable Nonsense (1999). Record 4ª Edição (2010).
- [10] Giuliano Da Empoli. *Os engenheiros do caos*. Editora Vestígio (2020). Traduzido do original *Les ingénieurs du chaos* (2019) por Arnaldo Bloch.